

O Estado de S. Paulo

8/1/1985

Usineiros desfazem acordo e canaviais podem ser queimados

GALENO AMORIM

Enviado especial

Os usineiros voltaram atrás na proposta de pagamento de salário-desemprego aos mil desempregadas de Guariba, até que fossem reabsorvidos na colheita do amendoim que começa dentro de duas semanas, e uma nova greve de bóias-frias está marcada para hoje. "Puxaram meu tapete", desabafou, magoado, o presidente do Sindicato Rural de Guariba. José De Laurentiz Junior, que havia apresentado a proposta no domingo de manhã, conseguindo a volta ao trabalho ontem, de cinco mil cortadores de cana, depois de quatro dias de paralisação.

Proprietários de usinas de todo o interior paulista reagiram com indignação diante da forma encontrada por Laurentiz para pôr fim à greve e se assustaram com o anúncio de que novas paralisações estão programadas nessa semana para toda região, reivindicando a mesma conquista dos desempregados de Guariba. Com isso, a anunciada recontração de 13 dirigentes sindicais demitidos pela Usina São Martinho também perdeu a validade.

José de Laurentiz, que no começo da tarde distribuiu nota à imprensa em Ribeirão Preto, atribuindo a divulgação do acordo extra-oficial "a um desencontro de informações veiculadas pela imprensa em geral", depois acabou admitindo ter sido abandonado pelos usineiros e ter de assumir sozinho as responsabilidades. "Até agora, não foi firmado qualquer acordo entre a classe produtora e as entidades representativas dos trabalhadores", afirmava ele no comunicado, garantindo que as conversações serviam apenas como subsídios a serem apresentados à Faesp para negociar com a Fetaesp.

Apesar de garantir na nota que se comunicaria com os jornalistas apenas através de comunicados oficiais, após reunião de mais de duas horas com representantes do Sindicato dos Trabalhadores de Guariba, da Fetaesp, do Ministério e da Secretaria do Trabalho do Estado, ele decidiu contar a verdade. "O acordo foi totalmente revogado e tudo volta estaca zero", afirmou, dizendo ter feito tudo o que estava ao seu alcance e que sua autoridade como presidente de uma entidade não foi respeitada.

"Daqui para isente — desabafou — responsabilidades do que acontecer já não são minhas, fiz o que podia." Um de seus filhos confirmou que ele recebeu vários telefonemas de usineiros, inclusive de um que está passando as férias no Guarujá, alertando que a divulgação do pagamento do salário-desemprego, uma conquista sem precedentes no País, criaria uma situação "insuportável".

A proposta de salário-desemprego — que seria em torno de dez mil cruzeiros, equivalente à diária do bóia-fria na entressafra — foi feita pela manhã, pelo próprio Laurentiz ao diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado, Hélio Neves. Explicando que se tratava de "um auxílio em caráter de solidariedade", ele afirmou ter feito as propostas aos trabalhadores depois de ter consultado os usineiros, mas, no final da tarde de domingo, ele próprio desmentiu isso em uma entrevista à TV Cultura. Ontem, deu uma nova versão, segundo a qual apenas hoje teria procurado as usinas, e ficado "sozinho no barco", pois eles se negaram a algum, entendimento alegando que o Sindicato Rural de Guariba representa apenas a Usina Bonfim, sediada no município, mas não a Usina São Martinho, de Pradópolis, nem a Santa Adélia e a São Carlos, de Jaboticabal.

"O Laurentiz não pode honrar o que falou até agora", reagiu, ao deixar a reunião realizada em Jaboticabal, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, acusando-o de "ter recebido muito dinheiro para falar essas coisas, terminar com a greve, e agora voltar atrás". Em uma assembléia realizada à noite na Igreja Católica local — cedida pelo padre polonês José Vilaska por causa das fortes chuvas que caíram na cidade — cerca de 100 desempregados decidiram formar novos piquetes nas seis saídas da cidade a partir das quatro horas da madrugada de hoje.

"Tudo que acontecer daqui para frente será de responsabilidade dos usineiros" advertiu o diretor da Fetaesp, Hélio Neves, enquanto alguns sindicalistas ligados à CUT — Central Única dos Trabalhadores — comentavam que, se não chover hoje, os desempregados cumprirão a ameaça de atear fogo nos canaviais. Alguns focos de incêndio estavam programados para domingo à tarde, mas os bóias-frias desistiram, depois de tomar conhecimento das condições oferecidas pelos usineiros, através do sindicato patronal.

A cidade viveu um dia calmo ontem pela manhã, quando os cinco mil grevistas voltaram aos canaviais. A situação só começou a ficar tensa no início da noite, quando eles souberam que "os homens deram pra trás", como explicou um deles. Para hoje, poderá haver incidentes nos piquetes. Nem o próprio sindicato nem as entidades que apóiam o movimento acreditam numa paralisação geral hoje.

(Página 10)